

Terra Brasilis

Terra Brasilis (Nova Série)

Revista da Rede Brasileira de História da Geografia e Geografia Histórica

8 | 2017

Dossiê "5º Congresso Brasileiro de Geografia – 100 anos"

A Geografia das Cidades em Bernardino José de Souza

Influência alemã e conhecimento local nas monografias descritivas do estado da Bahia

The Geography of Cities by Bernardino José de Souza: German influence and local knowledge in the descriptive monographs of the state of Bahia

La Géographie des villes Bernardino chez José de Souza: l'influence allemande et les connaissances locales dans les monographies descriptives de Bahia

La Geografía de las ciudades Bernardino en José de Souza: influencia alemana y conocimiento local en las monografías descriptivas de Bahía

Wendel Henrique Baumgartner



Edição eletrônica

URL: <http://journals.openedition.org/terrabrasilis/1993>

DOI: 10.4000/terrabrasilis.1993

ISSN: 2316-7793

Editora:

Laboratório de Geografia Política - Universidade de São Paulo, Rede Brasileira de História da Geografia e Geografia Histórica

Refêrencia eletrônica

Wendel Henrique Baumgartner, « A Geografia das Cidades em Bernardino José de Souza », *Terra Brasilis (Nova Série)* [Online], 8 | 2017, posto online no dia 27 junho 2017, consultado o 01 maio 2019.
URL : <http://journals.openedition.org/terrabrasilis/1993> ; DOI : 10.4000/terrabrasilis.1993

Este documento foi criado de forma automática no dia 1 Maio 2019.

© Rede Brasileira de História da Geografia e Geografia Histórica

A Geografia das Cidades em Bernardino José de Souza

Influência alemã e conhecimento local nas monografias descritivas do estado da Bahia

The Geography of Cities by Bernardino José de Souza: German influence and local knowledge in the descriptive monographs of the state of Bahia

La Géographie des villes Bernardino chez José de Souza: l'influence allemande et les connaissances locales dans les monographies descriptives de Bahia

La Geografía de las ciudades Bernardino en José de Souza: influencia alemana y conocimiento local en las monografías descriptivas de Bahía

Wendel Henrique Baumgartner

Introdução

- 1 Bernardino José de Souza foi um influente pensador da geografia baiana e brasileira no começo do século XX. Foi autor de inúmeros trabalhos teóricos e empíricos, bem como teve importante carreira como professor. Entretanto, sua produção, notadamente acerca da geografia urbana permanece esquecida tanto em Salvador, onde estudou e produziu grande parte de suas obras, quanto no restante do Brasil.
- 2 Nesse texto, resgatamos duas grandes contribuições para os estudos das cidades brasileiras no início do século XX: *Por Mares e Terras (Leituras geográficas)*, publicado em 1913; e o método das monografias municipais descritivas, publicado em 1916. Cabe destacar que o livro *Por Mares e Terras* tem prefácio de Teodoro Sampaio.
- 3 O artigo foi elaborado tomando como base a análise das publicações originais, com seus respectivos fichamentos, e o levantamento das referências bibliográficas utilizadas por Bernardino, uma vez que não era tradição à época das publicações a apresentação das referências completas. Foi a busca pelas referências, bem como algumas indicações diretas dos textos, que nos permitiu vincular a produção de Bernardino José de Souza à

geografia alemã. Diretamente, Bernardino coloca-se como um seguidor de Friedrich Ratzel, mas nas entrelinhas dos textos e nas indicações indiretas de autores, toda uma gama de autores germânicos – alemães, austríacos e suíços – aparecem mais claramente.

- 4 A compreensão desse vínculo com a geografia alemã é importante para entendermos a estruturação do método das monografias descritivas elaboradas para diversos municípios e que foram apresentadas por Bernardino e outros autores no 5º Congresso Brasileiro de Geografia, realizado em Salvador no ano de 1916.
- 5 A estruturação e publicação do método das monografias descritivas, quase duas décadas antes da chegada da delegação francesa e da fundação dos primeiros cursos de Geografia no Brasil, na década de 1930 em São Paulo e no Rio de Janeiro, demonstram o pioneirismo de Bernardino e nos leva a inúmeros questionamentos sobre o esquecimento tanto da sua pessoa quanto das suas contribuições para a geografia das cidades brasileiras.

Bases do pensamento de Bernardino sobre as cidades: a geografia alemã

- 6 Para reconstruir as bases do pensamento de Bernardino José de Souza, sobre a geografia urbana, tomamos como ponto de partida o texto “Geografia das Cidades”, que consta da obra *Por Mares e Terras (leituras geográficas)*, publicada em 1913.
- 7 Para o autor, existem três princípios básicos da Geografia Humana:
 - a humanidade e atividade humana são fatores geográficos;
 - há uma base histórica nos fenômenos e nas modificações nas relações sociedade-natureza;
 - planeta Terra é o *habitat* do gênero humano.
- 8 Segundo o próprio Bernardino, esses princípios são fortemente vinculados à produção da geografia alemã, em especial as contribuições de Friedrich Ratzel (1882-1891), apresentadas em sua *Antropogeografia*.
- 9 Além da citação direta a Ratzel, outros autores publicados em língua alemã aparecem na obra para a construção do seu pensamento sobre as cidades. Cabe salientar que não fizemos uma análise total da obra de Bernardino, nos concentramos apenas nas partes de sua produção que são diretamente associadas ao tema da Geografia das Cidades também denominada *Poleogeografia*. É interessante que ainda não se utiliza, nas obras consultadas, o termo Geografia Urbana.
- 10 Em relação ao conjunto de autores citados por Bernardino, o único francês mencionado no texto é Jean Brunhes, com a obra *La géographie humaine*, que segundo o próprio autor, teve como principal objetivo a modernização das ideias de Friedrich Ratzel. Segundo Jörn Seemann (2012), Jean Brunhes, assim como outros autores que serão utilizados por Bernardino, entre eles Alfred Hettner, participavam de grupo de discussão sobre a Geografia, denominado de Círculo de Leipzig, que era organizado por Ratzel.
- 11 Em relação a Alfred Hettner, a obra utilizada por Bernardino intitula-se *Die Geographie des Menschen*, e foi publicada nos anais do 16º *Deutschen Geographentag*,¹ realizado na cidade de Nurembergue, em 1907. Como alguns outros autores utilizados por Bernardino também publicaram textos nos referidos anais, nos questionamos como os textos chegaram até ele em Salvador e que relações sociais construídas por ele permitiram essa relação direta com a produção em alemão. Esse aprofundamento faz-se necessário e ainda está para ser realizado.²

- 12 A partir de outras referências aos textos desse evento, Bernardino de Souza (1913: 113) afirma que é preciso “partir do homem para investigar as influências mecânicas, fisiológicas e psicológicas da natureza dos atos e modos de vida”. A vontade humana é peça fundamental no jogo da interpretação dos fatos geográficos, sendo preciso considerá-la para além da simples relação das causas dos fatos materiais e naturais. O cerne da análise estaria na relação sociedade-natureza.
- 13 Partindo para considerações mais pertinentes à temática da geografia das cidades, Bernardino utiliza-se de outro texto publicado no 16^o *Deutschen Geographentag*, de autoria de Eugen Oberhummer (geógrafo austríaco), para afirmar a importância do estudo da geografia das cidades. Neste tipo de estudo, é imperativo considerar, além das questões econômicas e categorias sociais, o solo em sua estrutura e o clima, compreendido a partir da proposta de Albrecht Penck, que, segundo o próprio Bernardino, age como o regulador da distribuição dos homens no planeta.
- 14 Nessa correlação entre a natureza e a vontade humana, as cidades configuram-se como “centros de habitação humana”,³ uma etapa “evolutiva” superior na aglomeração humana que passaria das habitações independentes à aldeia/burgo para, enfim, se configurar como uma cidade. Para Bernardino, a importância do estudo das cidades justifica-se pelo fato destas, nos fins do século XIX, na Europa, apresentarem um forte aumento dos seus contingentes populacionais, decorrente do decréscimo observado nas áreas rurais.
- 15 Outra influência significativa a registrar seria a de Alexandr Ivanovich Woeikof (geógrafo russo que estudou na Alemanha),⁴ que define a Geografia das Cidades como um campo específico, denominado como Poleogeografia. A cidade passa a ser o fato capital da influência do homem sobre a Terra e, como “poderoso alojamento da humanidade”, permite o “progresso da civilização”. Nas palavras de Bernardino de Souza (1913: 115):
- [A]qui também não há por onde limitar a esfera de ação, desde a determinação das causas genéticas dos agrupamentos urbanos, até as questões relativas ao seu desenvolvimento e modo de ser no presente, ultrapassando-o não raro, para embrenhar-se nos trilhos do provável futuro, às vezes desvendado e cientificamente previsto.
- 16 Para desvendar essas determinações genéticas e antever o desenvolvimento das cidades, uma série de estudos científicos precisam ser empreendidos. Essa busca por um roteiro ou método de análise, vai, em nossa interpretação se configurar no seu esboço sobre as monografias descritivas, cujo método será sistematizado três anos após a publicação de *Por Mares e Terras*. A precisão do estudo sobre as cidades e o seu conteúdo serão influenciados pelas obras de dois outros autores germânicos publicadas em Leipzig, um dos grandes centros produtores e difusores da geografia alemã após o estabelecimento de Ratzel. A primeira referência, em relação a busca por um método de estudos para as cidades, é a publicação, em 1907, por Kurt Kassert do texto *Die Städte - Geographisch Betrachtet*, no qual detalha um método de estudo, baseado em cinco grandes temas:
- fundamentos das cidades, desde sua história, geografia, topografia até os dados estatísticos;
 - causas e condições necessárias para a origem e evolução das cidades;
 - distribuição e classificação dos elementos que compõe a base econômica;
 - situação geográfica das cidades analisadas com bases tanto na geografia física quanto nas redes de transportes;
 - fisionomia das cidades, compreendida como os seus aspectos relacionado ao crescimento horizontal e vertical, bem como indicações de superpopulação.

- 17 A outra obra, de 1910, é de autoria de Hugo Hassinger (natural de Viena) e intitula-se *Beiträge zur Siedlungs - und Verkehrsgeographie von Wien*. Nessa obra, Hassinger, segundo Bernardino de Souza (1913), define uma cartografia das cidades como um método para se compreender os processos da vida humana e o estudo da carta, a partir de uma “leitura racional”, permitiria uma compreensão indireta da realidade. Seguindo as ideias de Hassinger, o autor afirma a importância do levantamento da fisionomia das cidades e o detalhamento cartográfico de seus atributos, desde os tipos de casas à altura dos prédios. A elaboração de um inventário, minucioso nos detalhes, permitiria desvendar os segredos de uma cidade. Esse inventário, cartografado, deve conter além dos elementos anteriormente destacados, o número de andares dos prédios, os edifícios públicos, fábricas e usinas, estabelecimentos industriais, palácios, quintas, casas da cidade e do campo, os arredores das cidades, casas de uso residencial e comercial, e as formas entre a cidade e a aldeia.
- 18 Esse último elemento, a distinção da cidade para com a aldeia, vai definir uma compreensão da hierarquia das cidades, que Bernardino tenta reconstruir para a realidade da rede de cidades brasileiras. É importante ressaltar, que seu padrão conceitual se baseava nessa perspectiva alemã de distinção hierárquica, funcional e administrativa entre a cidade e a aldeia (ou da vila, no Brasil). Esse ponto tem relevância direta com o que hoje se estuda a respeito das cidades pequenas e médias no país e que retomaremos nas considerações finais.
- 19 Segundo Bernardino de Souza (1913: 117), “na cidade, o interesse econômico do habitante tem sua sede, de alguma sorte, no centro da aglomeração; na aldeia ao contrário, o interesse econômico do habitante tem sua sede fora da aglomeração, em regra no campo circunvizinho”.
- 20 Assim, inicia-se toda uma discussão, presente até na produção atual, sobre critérios e definições ou classificações de cidades para a rede urbana brasileira. Provavelmente inspirado pela leitura de Woeikof (que apresenta na Rússia 35 critérios oficiais para distinção entre a cidade e a aldeia), Bernardino afirma que, para o Brasil, até 1912, não haviam estudos ou critérios que fundamentassem a distinção e classificação tipológica das cidades. Para o autor, seria de relevância absoluta o estudo da questão e o enfrentamento do problema da hierarquia das cidades, uma vez que a distinção administrativa, que distingue as cidades das aldeias e as classificam, seria completamente insuficiente do ponto de vista científico, segundo Bernardino, além de ser “arbitrariamente criada”.
- 21 Como proposta para solução desse problema, Bernardino apresenta uma sugestão, pautada em critérios quantitativos, notadamente os contingentes de população. Mas também avança, seguindo os elementos levantados pelos autores vinculados às contribuições dos estudos da geografia alemã, para compreender os processos “evolutivos” pelos quais passam as aglomerações humanas, dentro de uma proposta hierárquica da rede de cidades. Assim, o autor propõe a divisão das aglomerações brasileiras, primeiramente, em três conjuntos baseados em formas históricas e no contingente populacional:
- arraial, a aldeia, o povoado e o lugarejo, que seriam centros rurais com até 2.000 pessoas;
 - a vila, com “regalias administrativas” e população de 2.000 a 5.000 habitantes;
 - a cidade, cuja população variaria dos 5.000/10.000 habitantes até os grandes centros.
- 22 Em relação a esse último conjunto, as cidades, haveria uma subdivisão em:
- cidades pequenas, variando de 5.000 a 20.000 habitantes;

- cidades médias, cujo contingente populacional estaria entre os 20.000 e os 100.000 habitantes;
 - cidades grandes, que seria aquelas que abrigassem em um número maior do que 100.000 habitantes.
- 23 Para justificar a importância do critério populacional na proposição de um sistema classificatório das cidades com base na demografia, Bernardino de Souza (1913: 118) compreende que as “cidades são agremiações urbanas, com população comercial e industrial. Os números são importantes para mostrar a passagem, dentro dos territórios, da população rural para a que procuraram as cidades, fenômeno da segunda metade do século XIX”. Para ele, é através da “emigração interna” que ocorre a passagem “evolutiva”, fazendo com que as cidades pequenas se tornem médias e estas passem a ser cidades grandes. Nesse processo evolutivo pautado na migração, algumas cidades passarão da marca de um milhão de habitantes. Esses processos migratórios, tão importantes para o entendimento da classificação e da evolução das aglomerações humanas, tem como causas três fatores, na concepção de Bernardino: o geográfico, o econômico e o político.
- 24 Entretanto, devido à complexidade na constituição e evolução das aglomerações, o método de estudo das “agremiações urbanas”, para construção das classificações, não deve ficar apenas restrito ao contingente populacional, mas deve conter:
- a origem e a formação das cidades;
 - a situação geográfica;
 - a posição topográfica;
 - a ocupação dos moradores;
 - contingente populacional.
- 25 Cabe aqui destacar um conceito importante, inclusive nas discussões mais contemporâneas, que aparece em segundo lugar na hierarquia dos conteúdos ampliados para os estudos de classificação das cidades, que é o de situação geográfica, ou posição relativa de uma cidade no contexto da rede urbana. Baseado em estudos de classificação e hierarquia, Bernardino vai se aprofundar no estudo da situação, tomando como ponto de partida a grande cidade, ou, mais precisamente o processo genético/evolutivo dessas aglomerações e seu papel de comando perante as demais cidades que compõe um sistema integrado.
- 26 Citando o trabalho de outro austríaco, Alexander Supan,⁵ Bernardino escreve que haviam 270 grandes cidades no mundo no ano de 1893. Em 1912, Bernardino já contava 339, sendo 69 na América, 76 na Ásia, 175 na Europa, oito na África e quatro na Oceania. Nas Américas, 46 cidades estavam nos EUA, seis cidades eram brasileiras, duas localizavam-se na Argentina e três eram mexicanas.
- 27 Para compreender a proposição de classificação de Bernardino e sua compreensão do papel das cidades dentro de um sistema de aglomerações, é importante destacar sua afirmação da função das *cidades milionárias* (aquelas com um milhão de habitantes) como “lócus da vida material, intelectual e política de um país”. Essas grandes cidades seriam os centros que exerceriam um controle sobre as demais cidades e se destacariam, a partir de seu predomínio funcional, dentro da rede urbana. As cidades milionárias eram indubitáveis símbolos materiais do progresso e da civilização.
- 28 Para Bernardino, compreender como as cidades atingem esse contingente de 1 milhão de habitantes, é inserido na explicação, nesse momento, o componente genético da formação

da cidade, que aparece para complementar o dado demográfico. Tal componente seria a “formação moderna”, comum a esse conjunto de cidades e se refere aos fortes vínculos com a expansão industrial capitalista, observada no século XIX. As 19 cidades nessa situação, historicamente construída, são: Londres (a primeira a ultrapassar um milhão de habitantes em 1802), Paris (1850), New York (1870), Viena (1878), Berlim (1880), Tóquio, Cingapura e Filadélfia (1890), Buenos Aires (1907) e Rio de Janeiro (1910).

- 29 A partir do destaque dessas cidades e do processo histórico de “conquista” do número limítrofe de um milhão de habitantes, Bernardino empreende um esforço de entendimento das causas e dos processos que levaram as cidades a apresentar esse contingente populacional. Sua resposta está pautada, em uma primeira aproximação explicativa, na importância e primazia, na formação dessas cidades, do fato geográfico. Segundo Bernardino de Souza (1913: 122), “o exame dessas cidades revela que sua existência se deve as planícies descobertas, margens dos rios ou zonas costeiras favoráveis”. Assim, o fato geográfico, ou o sítio dessas grandes aglomerações humanas, explicariam o porte e o poder de atração das cidades.
- 30 A importância dada por Bernardino ao fato geográfico na definição das causas do crescimento das cidades milionárias, que poderia ser rotulado de determinismo, na velha questão determinismo *versus* possibilismo, é esvaziada rapidamente, quando o predomínio do fato geográfico é relativizado. Nas palavras de Bernardino, ao final do capítulo “Geografia das Cidades”, as três tipologias ou condições do fato geográfico (planícies descobertas, margens de rios ou zonas costeiras) que são “efetivamente necessárias” para a construção de um “centro grandioso”, podem sem substituídas caso, nas proximidades de uma cidade, encontre-se uma jazida mineral; ocorra o desenvolvimento de um centro industrial “ao acaso”; ou esteja presente a “vontade soberana do Estado na criação de uma capital onde a posição se torna mais vantajosa que o sítio” (Souza, 1913: 122).
- 31 Assim, segundo Bernardino (id., *ibid.*) “[a] verdade é que a situação geográfica, o movimento econômico e a sociedade política as vezes explicam a grandeza e a magnificência das maiores aglomerações urbanas”.
- 32 A importância da situação geográfica na explicação das hierarquias das cidades será retomada por Bernardino no seu projeto de construção de um método de estudo territorial, através das monografias descritivas.

As monografias descritivas

- 33 Após a sistematização das bases conceituais sobre as cidades, a partir dos estudos da geografia alemã, Bernardino José de Souza produziu uma de suas maiores contribuições ao estudo das cidades brasileiras: o método das monografias descritivas. Infelizmente, mesmo tendo sido publicado em 1916, por ocasião da realização do 5º Congresso Brasileiro de Geografia, em Salvador, essa contribuição permanece esquecida e muito pouco referenciada, inclusive nos estudos sobre as cidades e a Bahia.
- 34 Devido à grande falta de material acadêmico e de campo sobre a Geografia da Bahia, Bernardino entendia que era chegado momento de sanar essa deficiência e que era preciso construir um maior conhecimento sobre o vasto território baiano. Na sua perspectiva, as monografias descritivas seriam um ponto de partida, um começo e

mecanismo mais fácil e eficiente de atingir o objetivo de se construir uma Corografia da Bahia.

- 35 O método padronizado das monografias foi publicado no Diário Oficial da Bahia, em 5 de fevereiro de 1916, como uma divulgação a chamada dos trabalhos, que deveriam seguir a metodologia descrita passo-a-passo do Diário Oficial. Também foram feitas chamadas nos jornais de circulação da época. Esses trabalhos seriam apresentados no Congresso, realizado no Instituto Geográfico e Histórico da Bahia, realizado em setembro do mesmo ano. Além do componente textual, as monografias deveriam, quando possível, apresentar fotografias e mapas do município estudado.
- 36 Como secretário do Congresso, Bernardino também solicitou, através de cartas, a todos prefeitos, juízes e intelectuais dos municípios da Bahia que realizassem estudos e que escrevessem monografias descritivas. Esses textos seriam analisados e reescritos para, depois de ajustes e reelaborações, além de serem publicados, servir à composição do maior objetivo de Bernardino: um grande estudo da Geografia da Bahia. Dessa forma, compreende-se que as monografias eram pontos de partida para um projeto vasto de compreensão geográfica do estado.
- 37 Cabe salientar e explicitar a base territorial – o município – presente nos estudos monográficos descritos de Bernardino e que os diferem de outras propostas monográficas também em desenvolvimento no mesmo período. Devido a questões de ordem administrativa e legal nos municípios, as cidades passam a ter um papel fundamental na estruturação das monografias e na articulação do conhecimento geográfico produzido sobre o espaço sob sua jurisdição.
- 38 Realizada para o município, as monografias deveriam conter os seguintes elementos:
- origem do nome do município;
 - sua posição geográfica;
 - a situação astronômica em que se encontra;
 - seus limites e formas;
 - sua superfície e suas dimensões;
 - a formação geológica de sua base;
 - relevo, com suas montanhas ou montes; com planaltos e planícies;
 - para aqueles na costa, o seu litoral, suas baías, portos e praias, cabos e pontas; se possuem ilhas marítimas;
 - a distribuição de lagoas e brejos, fontes e açudes;
 - a hidrografia, com os rios, riachos e seus afluentes; as ilhas fluviais;
 - as características do clima, explicitada em dados meteorológicos;
 - a vegetação e a flora, definidas por plantas espontâneas e cultivadas;
 - a fauna, em relação a animais silvestres e domesticados;
 - as minas;
 - a história de ocupação da localidade;
 - sua organização político-administrativa e seus distritos;
 - os estudos de população, através de tipos predominantes;
 - a presença de tribos indígenas;
 - a educação, compreendida como instrução pública, presente nas Escolas e Institutos;
 - ramo da agricultura, com um inventário das várias espécies cultivadas;
 - a pecuária e seus produtos;
 - as atividades de mineração;
 - setor industrial e outros ramos de atividade;

- as vias de comunicação, detalhando as estradas de ferro, as estradas de rodagem, as estradas comuns, os rios navegáveis ou canais;
 - as formas de navegação marítima e fluvial;
 - a presença de correios, telégrafos e telefones;
 - comércio, com destaque para os produtos exportados e importados;
 - as contas públicas, ou o estado financeiro, demonstrado através de cifras orçamentárias e fontes de renda;
 - a descrição minuciosa da cidade ou vila sede do município;
 - os detalhes dos arraiais, das povoações e das aldeias;
 - as curiosidades e maravilhas naturais, em especial quedas d'água e grutas;
 - quadro das altitudes encontradas;
 - quadro das distâncias, em quilômetros, em relação a capital do estado e as sedes dos municípios limítrofes.
- 39 Apesar da relação muito similar, os conteúdos das propostas metodológicas monográficas de Bernardino e da chamada Escola Francesa, possuem um forte elemento diferenciador – os recortes espaciais. Enquanto os estudos das monografias regionais, influenciados por Vidal de Blache,⁶ partem da região natural, notadamente a região geológica ou geomorfológica, a monografia descritiva de Bernardino tem sua base territorial nos limites municipais.
- 40 Os limites municipais, a sede administrativa e a unidade do município, definindo o recorte administrativo como a base territorial, constituem os pontos de partida dos estudos. Apesar das deficiências das definições administrativas sobre o conceito de cidade – como destacamos anteriormente, a partir do texto *Geografia das Cidades*, Bernardino dá uma relevância a relação cidade/território, através da figura do município. Cabe destacar também, que no momento histórico – 1916 – havia na Bahia (um estado mais ou menos do tamanho da França) 132 municípios, sendo que, um dos menores municípios trabalhos nas monografias, o de Bom Conselho, possuía 1728 km².
- 41 Há também um certo deslocamento da produção de Bernardino rumo à produção da geografia alemã, muito mais dominante no seu trabalho do que a produção francesa, o que pode explicar a definição do município e não da região como base para a produção das monografias.
- 42 De qualquer modo, os estudos monográficos descritivos já estavam sendo realizados na Bahia na segunda metade da década de 1910, muito antes da institucionalização dos primeiros cursos de Geografia no Brasil e das monografias regionais desenvolvidas pelos franceses e seus seguidores em São Paulo.

Os estudos empíricos

- 43 Dentre os inúmeros estudos monográficos municipais apresentados no 5º Congresso Brasileiro de Geografia, publicados nos Anais do evento, em 1916, destacamos em nossa análise dois: a monografia de Bom Conselho (atualmente Cícero Dantas) e de Jacobina.

O município de Bom Conselho

- 44 Essa memória, apresentada no 5º Congresso, de autoria de Bernardino José de Souza e João Mendes da Silva (Juiz da Comarca de Bom Conselho), foi publicada em 1916.

- 45 A intenção de se fazer essa monografia partiu de João Mendes da Silva, juiz da comarca e morador de Bom Conselho, que enviou no prazo de um mês, após a divulgação da metodologia das monografias, uma carta com os aportes descritivos sobre o município, solicitando que Bernardino fizesse as adaptações necessárias à sua apresentação no 5º Congresso.
- 46 Da leitura da monografia, destacamos alguns pontos:

A situação geográfica e a localização

- 47 A monografia se inicia com a localização do município, no Nordeste da Bahia, em “terras caprichosas”,⁷ (...) “abundantemente ricas e periodicamente pobres, ao sabor das estações irregularmente sucedidas” (Souza & Silva, 1916: 222).
- 48 Empregando Ratzel, é feita a dissociação entre o sítio (posição topográfica) e a situação (posição geográfica); são destacadas as “desvantagens” de Bom Conselho e a busca das causas por seu “atraso e lento caminhar”. O sítio e a situação, por sua semelhança a várias áreas nordestinas, são chamadas pelos autores de “aleatório peculiar o todo Nordeste”, definido como fragmentos de tempo de abundância e “anos a fio de sol inclemente”.
- 49 São descritos em detalhe as linhas divisórias do município, as marcas dos lugares. Também é apresentada a área do município, 1728 km², um dos menores dos 132 municípios da Bahia. Usando de comparações para mostrar a importância da dimensão territorial, Bom Conselho é maior que a República de Andorra; o Principado de Mônaco; e de 11 entre os 25, estados de compõem a Alemanha. Bom Conselho é ainda maior do que o Distrito Federal do Rio de Janeiro.

O relevo, a hidrografia, o clima e a vegetação

- 50 Rapidamente são descritos os elementos físicos do município, com destaque para o ondulado relevo, com serras baixas; o regime intermitente e torrencial dos rios; o clima “continental ou excessivo” – quente e seco – “com noites agradáveis e salubres”.
- 51 O elemento de maior destaque é a vegetação, setorizada em três zonas, sendo algumas com vegetação de caatinga e outras com extrato arbóreo, além de áreas de cultivo de algodão. A vegetação se liga diretamente às atividades agropecuárias, com destaque para essa associação entre o tipo de vegetação e a atividade econômica possível.
- 52 Apesar do solo favorável, o “sol que tudo tala e queima”, bem como a falta de vias de comunicação, impedem que a produção local tenha alguma relevância em relação ao restante do estado.
- 53 Também é mencionado a existência de uma mina de salitre e uma produção rudimentar de tijolos, telhas, redes, sapatos e artigos em couro. “O município é muito atrasado”, afirmam ainda Bernardino de Souza e João Mendes da Silva (1916: 227).
- 54 Não há vias de conexão com o restante do estado, nem trem nem rodovias. O plano viário, do Governo Federal, informam os autores, já foi contratado por uma empresa, mas ainda não havia saído do papel. Esse sistema viário traria impulso econômico a região. Não há nem telégrafo. Só há serviço postal, uma vez por semana e sem eficácia.

A vila e o comércio

- 55 Devido às limitações expostas, o comércio é pequeno. O maior produto de venda externa é o fumo de corda, o algodão e a farinha. Todo o restante das necessidades é comprado em outras localidades.
- 56 A vila possui 20 casas comerciais e os distritos mais 16. Também são descritas as condições do sítio e da situação da vila. A arrecadação é baixa, pois segundo os autores não há fiscalização e controle “severos”.
- 57 Após apresentar o histórico da comarca, é destacada a população municipal, composta por 17.000 habitantes, a maioria mestiça e mulata. Apesar dessa população, havia apenas duas escolas primárias, uma para meninos e outra para meninas, localizadas na sede. Não há dado preciso para a população na vila, estimada entre 1.500 e 2.000 almas.
- 58 Em 1905, a sede/vila passou a ser denominada de Cícero Dantas. As construções são ruínas e os únicos edifícios grandiosos são a Casa de Câmara, o açougue e um barracão para feiras. São indicadas as possíveis áreas de povoamento e expansão para o município.
- 59 No texto ainda são apresentados o histórico da ocupação, as distâncias e uma errata. Ao final, como para todos os demais trabalhos, encontra-se o parecer do avaliador. A comissão do Congresso, aprova o texto por unanimidade, e, resumidamente, o parecerista cobra dados técnicos da geografia – coordenadas geográficas precisas, dados de solo, entre outros. Entretanto reconhece que se trata de um trabalho superior e ressalta a “moral” dos autores.

Minha Terra: Jacobina de Antanho e de Agora. A monografia de Jacobina.

- 60 A monografia de Jacobina foi escrita e apresentada por Afonso Costa, bibliotecário do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia. A opção por apresentar um texto não escrito por Bernardino tem como objetivo destacar a contribuição de um outro autor elaborada a partir do método das monografias descritivas.
- 61 Essa monografia apresenta um texto longo. Dedicar-se, principalmente, ao passado de Jacobina, com algumas passagens sobre o presente e apontamento da geografia e críticas sociais.
- 62 A linguagem é rebuscada, quase poética, usada para contar, em nome de pessoas, o desbravamento do sertão e a ocupação das terras. Aparentemente, a linguagem é tão importante quanto o conteúdo. O autor busca a construção de uma epopeia, ilustre, “fulgurante dos triunfos vindouros” (Costa, 1916: 236) – uma ode às “montanhas gigantescas e salomônicas” de uma terra que “[s]orriu-se de nobreza ao canto do ventre-livre. Engalanou-se de louçanias flamejantes com a aurora de sua elevação à categoria de cidade, último fastígio que se guindam as povoações de um estado brasileiro” (Id, *ibid*: 237)
- 63 Resumidamente, destacamos alguns pontos:

A história

- 64 É contada com detalhamento e sempre em tom personalista. Apresenta fotografias antigas e mapa. O autor busca inclusive as origens do nome do município. Jacobina,

segundo Teodoro Sampaio, citado no texto, vem da língua tupi, área limpa e sem vegetação. O autor também busca a origem do nome na ciência e nas lendas.

O relevo geográfico

- 65 A geomorfologia representa o “máximo dos senhorios da orografia e potamografia” (descrição dos rios). É um “relevo avantajado quem não se vê em outras terras da Bahia”. Seguem as descrições muito detalhadas dos rios, dos sumidouros, da geologia, da fauna e da flora.

Os povoados, a política e a cultura

- 66 Novamente o autor retoma o histórico dos povoados e povoações, apresenta a população local (36.108 habitantes em 1900, em que pese a precariedade dos dados) e os estrangeiros (poucos, todos da Ausonia, região entre Roma e Nápoles, na Itália). Seguem os detalhes dos povoados, dos distritos, sua população e atividades, mas sempre em tom histórico.
- 67 Nesse momento do texto aparece uma forte crítica social, quando o autor afirma que “[a] tradição conservadora é um entrave ao progresso” (Costa, 1916: 274). O autor escreve ainda sobre a política, desde os tempos de D. João e afirma que, em contraponto a “lazeira” dos poderes públicos, Jacobina tem a Natureza.
- 68 Além disso, vai criticar a situação da educação no município. A primeira escola para meninos é de 1820 e das meninas foi construída em 1847. Faz duras críticas ao governo quanto a manutenção das escolas, notadamente nos distritos. Falta controle e frequência. “Crianças sem número saem das escolas por conclusão do curso e não tem a mínima noção do que aprenderam ou do que lhes fora ensinado” (Id, ibid: 287).
- 69 A municipalidade também não faz nada para melhorar a situação. Afirma que o ensino é “desonesto, como em toda Bahia”, e que além de tudo não pagam aos professores. Escreve ainda que essa situação se configura como uma verdadeira “apoteose do mal”, um imenso desprezo pela educação e a cultura. “Nenhuma nação terá vida se lhe negarem a cabeça” (Id, ibid: 287).
- 70 O autor ainda faz duras críticas aos ocupantes dos cargos públicos na cidade de Jacobina, que não fazem nada para a cidade e, por isso, os moradores se recusam a pagar os seus impostos devidos. No texto são contabilizadas 110 pessoas com cargos e, segundo o autor, “a metade disso daria conta do trabalho”. Ao final da apresentação da parte referente a cultura e a política, o autor solicita uma biblioteca municipal para a cidade.

O comércio e as comunicações

- 71 Entra na descrição do comércio e da indústria, através de sua vivência, sem apresentar dados, cobra pela estagnação, pela predisposição a não melhorar a produção ou diversificar os produtos. Exemplo: nas áreas produtoras de cana não há incentivo à produção de açúcar branco ou de construção de destilarias. Declara que é preciso superar a indolência e que o trabalho demanda “coragem” para se poder prosperar. O comércio é decorrente da mineração. As estradas de rodagem são locais e não há correios ou estrada de ferro.

Conclusão

- 72 O autor termina sua monografia descritiva com uma afirmação sobre Jacobina:
- Nisto que se leu está a minha terra, presa a estereotipia de suas condições industriais e comerciais, na exuberância plena das grandezas a se explorarem futuramente, quando meus patrícios se convencerem de que lhes cabe o pronunciamento da vida nova, ou por seus próprios empenhos e disposição ou com a intromissão de novos elementos que o suscitarem. (Id, *ibid*: 296)
- 73 Após essa parte, apresenta notas e documentos históricos; as distâncias e as temperaturas; e as tabelas de preços. Por fim segue o parecer sobre o trabalho, que foi aprovado por unanimidade, mas o relator chama a atenção para a linguagem usada, que não condiz com a “ciência do trabalho”.

Considerações finais. Os cem anos da publicação separam o passado do presente?

- 74 Após as análises da produção de Bernardino José de Souza a respeito de suas considerações sobre a geografia das cidades, do método das monografias descritivas municipais e do estudo de duas monografias, nos propomos a pensar algumas conexões ou pontes possíveis, que conectem os anos de 1916 e 2016.
- 75 Cabe destacar que, dentre as inúmeras possibilidades para essas considerações, direcionamos nossa análise para a temática que estamos trabalhando em nossa agenda de pesquisa, dentro da geografia urbana, mais precisamente na produção sobre as cidades médias e pequenas.
- 76 Dividimos nossas considerações em três conjuntos: o que se mantém; o que poderia ser melhor aproveitado; e o que foi abandonado.

O que se mantém

A compreensão das relações campo-cidade com destaque para o forte vínculo das cidades média e pequena com o campo

- 77 Essa ainda é uma característica de redes urbanas fortemente marcadas pela ruralidade e de cidades mais distantes dos grandes centros metropolitanos. Levando em conta a herança da rede colonial e influenciado pela produção alemã, Bernardino distingue, para além da questão administrativa, a cidade da vila a partir da relação econômica, quer seja com a cidade ou com o campo. É claro que hoje esse debate está mais diversificado, inclusive em função da diversidade das funções das cidades pequenas.

A nunca solucionada questão da classificação hierárquica das cidades

- 78 Bernardino classifica as cidades em: pequenas (5 a 20 mil habitantes), médias (20 a 100 mil habitantes) e grandes (mais de 100 mil habitantes).
- 79 Passados cem anos, os debates sobre a classificação das cidades ainda não estão terminados e os consensos ainda estão longe de serem estabelecidos.

- 80 Entretanto, ainda hoje encontramos pesquisas e trabalhos pautados na classificação hierárquica das cidades, definido faixas de contingentes populacionais. Para esses estudos, a diferença entre a proposta de Bernardino e as atuais é uma atualização dos números referentes aos habitantes. As cidades pequenas teriam até 50 mil moradores; as cidades médias seriam aquelas com até 500 mil habitantes; e as cidades grandes seriam o local de moradia de um contingente humano superior a esta última cifra.
- 81 Para outras correntes do pensamento sobre as cidades e suas classificações, o que se tem, mais ou menos, estabelecido nas discussões teóricas e nos debates acadêmicos, é que o contingente populacional não é suficiente para se classificar uma cidade na rede urbana brasileira. Além disso, há um forte avanço na discussão das redes urbanas heterotópicas, ou, aquelas que não partem de uma estrutura hierárquica.

O que poderia ser melhor aproveitado

A discussão da situação geográfica

- 82 A situação geográfica poderia ser um fator ou até mesmo uma categoria de análise das cidades, para complementar ou mesmo superar a questão demográfica ou meramente funcional dos estudos sobre as mesmas.
- 83 A ideia de situação geográfica ficou, na geografia urbana, muito periférica. São poucos os trabalhos que tratam ou atualizam a discussão teórica-conceitual sobre esse conceito. Destacamos o texto de Maria Laura Silveira (1999: 26-27), no qual a autora, brilhantemente, afirma que “[a] situação é criação e recriação da contradição num contexto (...) a situação reafirma a especificidade do lugar e, metodologicamente, aparece como uma instância de análise e de síntese”.
- 84 No âmbito das discussões contemporâneas sobre as cidades médias e pequenas, a ideia de situação geográfica foi praticamente substituída pelo conceito de contexto regional.

O que foi “abandonado”

A ideia das monografias descritivas

- 85 Hoje os estudos municipais são bem mais divididos em função da geografia física ou humana, bem como dos recortes temáticos dos trabalhos.

A influência da produção alemã na geografia urbana

- 86 Para além dos estudos baseados em Walter Christaller, não está disseminado o uso da bibliografia germânica. Cabe destacar que algumas temáticas nos estudos culturais sobre as cidades se apropriam das produções da Escola de Frankfurt. Entretanto, a grosso modo, a produção da geografia urbana brasileira, principalmente aquela que destacamos sobre as cidades médias e pequenas, é notadamente influenciada pelas referências francesas, direta ou indiretamente, quer sejam da geografia ou de áreas afins.

A publicação dos pareceres finais dos trabalhos nos anais dos congressos

- 87 Essa prática de publicação das análises dos pareceristas dos trabalhos ao final de cada texto das memórias apresentadas no 5º Congresso Brasileiro de Geografia foi muito

interessante, pois permitiu compreender os critérios de análise e os pontos positivos e negativos levantados pelo conjunto de especialistas que avaliou a contribuição.

- 88 Ao final desse texto, várias indagações se abrem para reflexões futuras. Uma delas, ainda muito presente na Geografia Urbana, faz referência ao uso de contribuições estrangeiras na construção de uma teoria/método ou de uma descrição empírica sobre as cidades brasileiras. Parece-nos claro que existem várias possibilidades de utilização dessas contribuições, entre elas, a simples submissão colonialista à teoria “estrangeira”, que pode resultar, por exemplo, na idealização da realidade local para se adequar aos códigos dessas teorias. Bernardino, apesar do estudo de obras da geografia alemã, não optou por esse caminho, uma vez que não recriou uma aldeia germânica no sertão da Bahia, como demonstrado na monografia de Bom Conselho. Também não ficou restrito à reprodução um corpo teórico estrangeiro, mas partiu dele para produzir suas próprias teorias, métodos e conceitos. Assim, nos parece justo resgatar as contribuições de Bernardino José de Souza, um geógrafo que bebe de fontes estrangeiras, mas que também emprega o conhecimento local, as geografias daqueles que estão fora da academia, em seus textos, buscando a construção de uma geografia das cidades baianas e brasileiras.

BIBLIOGRAFIA

- COSTA, Afonso (1916). “Minha Terra: Jacobina de Antanho e de Agora”. Anais do 5º Congresso Brasileiro de Geografia, v. 1. Salvador: Instituto Geográfico e Histórico da Bahia, pp. 235-319.
- RATZEL, Friedrich (1882-1891). *Anthropogeographie, v 1: Grundzüge der Anwendung der Erdkunde auf die Geschichte* [1882]; v.2: *Die geographische Verbreitung des Menschen* [1891]. Stuttgart: J. Engelhorn, 1891-1899.
- RIBEIRO, Guilherme (2010). “Interrogando a ciência: a concepção vidaliana da geografia”. *Confins* n. 8. Disponível em: <http://confins.revues.org/6295>. Acessado em 28 outubro, 2016.
- SEEMANN, Jörn (2012). “Friedrich Ratzel entre Tradições e Traduções. Uma Breve Abordagem Contextual”. *Terra Brasilis (Nova Série)*, n. 1. Disponível em: <http://terrabrasilis.revues.org/180>. Acessado em 26 outubro, 2016.
- SILVEIRA, Maria Laura (1999). “Uma situação geográfica: do método à metodologia”. *Revista Território*, ano IV, n. 6, jan./jun., pp. 21-28.
- SOUZA, Bernardino José de (1913). *Por Mares e Terras* (leituras geográficas). Salvador: Romualdo dos Santos Livreiro Editor.
- SOUZA, Bernardino José de & SILVA, João Mendes da (1916). “O município de Bom Conselho”. *Anais do 5º Congresso Brasileiro de Geografia*. Salvador: Instituto Geográfico e Histórico da Bahia, v. 1, pp. 221-234.
- WOEIKOF, Alexander Ivanovich (1901). “De l'influence de l'homme sur la terre”. *Annales de Géographie*, v. 10, pp. 97-114.

NOTAS

1. Encontramos um texto referente a uma exposição 'Histórica e Geográfica' realizada durante o evento e que pode ser consultado em <https://archive.org/details/katalogderhistor00deutuoft>.
 2. Entre 1873 e 1942, Salvador contou com um Clube Alemão, também conhecido como Associação Germânica da Bahia, que funcionou no Corredor da Vitória, área nobre da cidade. Será que Bernardino era sócio ou participava das atividades desse clube?
 3. Devemos destacar que todos os conceitos extraídos literalmente da obra de Bernardino se apresentam entre aspas duplas nesse texto.
 4. . Woeikof doutorou-se em Göttingen e destacou-se por seus estudos de Climatologia e pela organização do ensino superior de Geografia na Rússia. Representou seu país nos Congressos Internacionais de Geografia; dirigiu a seção geográfica da Enciclopédia *Brockhaus & Efron* (Leipzig-São Petersburgo), outra mostra de seu forte vínculo com a cultura científica alemã; e publicou em revistas prestigiosas como os *Annales de Géographie* (Woeikof, 1901: 97-114).
 5. A obra provável de consulta de Bernardino é *Deutsche Schulgeographie* (1910), publicada pela editora Justus Perthes, da cidade de Gotha.
 6. Sobre as concepções vidalianas a respeito das monografias regionais, consultamos o texto de Guilherme Ribeiro (2010).
 7. Como fizemos para os conceitos apresentados por Bernardino, apresentamos entre aspas duplas os conceitos e adjetivos empregados pelos autores das monografias municipais descritivas.
-

RESUMOS

O referente texto decorre da participação no Seminário Comemorativo do centenário do 5º Congresso Brasileiro de Geografia, realizado no Instituto Geográfico e Histórico da Bahia. Nosso objetivo é analisar a produção de Bernardino José de Souza referente a geografia das cidades. Ao longo do artigo resgatamos suas contribuições no âmbito das monografias descritivas municipais e de suas bases teóricas, ancoradas na geografia alemão. Por fim, apresentamos algumas pontes possíveis entre os cem anos que separam as contribuições de Bernardino e o que fazemos hoje a respeito das cidades médias e pequenas.

This text drift from my presentation in the Celebrating Seminar about the Centennial of the 5th Brazilian Geography Congress held in Geographical and Historical Institute of Bahia. Our goal is to analyze the production of Bernardino José de Souza related to urban geography. Throughout this article, I rescued his contributions in the context of municipal monographs and their theoretical bases, anchored in the German Geography. Finally, I present some possible bridges between these hundred years that separate Bernardino's contributions and nowadays ideas about the medium and small cities.

Le texte fait référence à notre participation au Séminaire Commémoratif sur les 100 ans du 5ème Congrès Brésilien de Géographie, eu lieu à l'Institut Géographique et Historique de Bahia. Notre objectif est d'analyser la production Bernardino José de Souza lié à la géographie urbaine. Au long du texte je sauvé leurs contributions dans le cadre des monographies municipales et de sa

base théorique, ancré dans la géographie allemande. Enfin, je présenté quelques ponts possibles entre les cent ans qui partagées les contributions Bernardino et ce que nous faisons aujourd'hui sur les petites et moyennes villes.

El texto deriva de nuestra participación en el Seminario de Conmemoración de los cien años del 5° Congreso Brasileño de Geografía, celebrado en Instituto Geográfico e Histórico de Bahía. Nuestro objetivo es analizar la producción Bernardino José de Souza referente a la geografía urbana. A lo largo del artículo se rescató a sus contribuciones dentro de las monografías municipales y sus bases teóricas, ancladas en la geografía alemana. Por último, se presentan algunos puentes posibles entre los cien años de separación entre las contribuciones de Bernardino y lo que hacemos hoy en día acerca de la ciudades medianas y pequeñas.

ÍNDICE

Mots-clés: géographie urbaine, géographie allemande, Bernardino José de Souza

Palavras-chave: geografia urbana, geografia alemã, Bernardino José de Souza

Palabras claves: geografía urbana, geografía alemana, Bernardino José de Souza

Índice cronológico: 1907-1916

Índice geográfico: Bahia (Brasil)

Keywords: urban geography, German geography, Bernardino José de Souza

AUTOR

WENDEL HENRIQUE BAUMGARTNER

Doutor em Geografia (Organização do Espaço) pela UNESP. Professor Associado I da Universidade Federal da Bahia (UFBA)